

Marion SANDRÉ. Analyser les discours oraux. Approche pluridisciplinaire. Paris: Armand Colin, 2013. 227 pp.
ISBN 978-2-200-28859-4

Isabel Margarida Duarte
iduarte@letras.up.pt
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto (Portugal)

Marion Sandré é doutora e investigadora em Ciências da Linguagem e integra o grupo Praxiling da Université Paul Valéry de Montpellier, onde se ocupa sobretudo de análise conversacional, especificamente das interações orais de discursos dos *media*, de carácter político, por vezes registadas em vídeo também. A obra em apreço apresenta, quer a investigadores e estudantes da área quer a um público eventualmente mais vasto, uma abordagem clara e acessível para quem necessite de analisar discursos orais. Assim, destina-se não apenas a investigadores de Ciências da Linguagem, mas a outros que precisem de constituir *corpora* de discursos orais, de os transcrever de forma fiável e facilmente manuseável, para os poder analisar. O livro está bem organizado e é completo, apresentando, no final de cada capítulo, um balanço útil, com as ideias centrais.

Depois de uma I parte clara e muito didática a que voltaremos, a autora exemplifica as ideias expostas com a análise de transcrições de três géneros orais: a troca institucional (transações comerciais, transações administrativas e consultas médicas); a entrevista (entrevista de pesquisa, de recrutamento e jornalística) e debate (mediático, político e participativo).

A I parte, intitulada “Méthode d’analyse des discours oraux” consiste numa exposição bem organizada e clara, organizada em três capítulos e vai até à p.112: no primeiro, fala-se da análise do discurso oral; no segundo, do *corpus* oral e, no terceiro, de questões ligadas às diferentes formas de transcrição. No primeiro capítulo desta I parte, a autora começa por distinguir discurso escrito e oral, tendo por base, sobretudo, Kerbrat-Orecchioni (2005), para passar para outras distinções fundamentais: entre discurso em situação formal e informal (dependendo o grau de formalidade de haver mais ou menos constrações exteriores sobre a produção do discurso), monologal

e dialogal. Nos discursos informais, inclui apenas as trocas orais normais, a conversa quotidiana, considerando todos os restantes discursos orais como inscritos em situação formal. Passa, seguidamente, para questões metodológicas, começando por situar este tipo de trabalho na Análise do Discurso, cuja história traça rapidamente; apresenta os diferentes géneros orais; depois, mais especificamente, os géneros orais em situação formal e, por fim, de modo cada vez mais afunilado, os géneros orais mediáticos. O segundo capítulo tem um carácter muito prático, já que fornece sugestões sobre como constituir um *corpus* (ponto 2.1.), como abordá-lo e, especificamente, que características definem um *corpus* dialogal. Como a autora nota, para juntar, organizar, classificar e apresentar os discursos que o investigador quer submeter a análise, de forma coerente e representativa, ele tem de fazer opções que são parte da pesquisa, porque os dados não existem em estado puro e a constituição de um *corpus* é já um momento da investigação, por obedecer a critérios que o investigador tem que estabelecer e controlar. Sobre a recolha de *corpora* orais, a autora dá vários conselhos úteis, incluindo alguns acerca do modo de gravação e do papel do investigador na interação registada, tendo em conta, também, diferentes tipos de gravação: de discursos solicitados, de discursos “naturais” (com a participação ou não do investigador), de discursos mediáticos. Para abordar um *corpus* oral (ponto 2.2.), como a autora sublinha, é necessário conhecer bem as especificidades da oralidade, que são complexas, múltiplas e pouco estudadas. E é essencial analisá-las sem preconceitos linguísticos porque, como bem refere Blanche-Benveniste (1997: 35) que Marion Sandré cita, “dans l’opinion courante, et même parfois chez certains linguistes contemporains, la langue parlée s’oppose à la langue écrite comme le mauvais français s’oppose au bon” (p. 61). Na sequência lógica desta ideia, a autora retoma as principais características da oralidade, antes de passar ao ponto 2.3., sobre “Le corpus dialogal”, que se debruça especificamente sobre *corpus* de interação oral. Neste apartado, Marion Sandré destaca o papel ativo do alocutário em qualquer discurso oral dialogal, papel a que volta, quase no final da obra, a propósito de discursos orais menos dialogais. No respeitante ao funcionamento da interação, escreve, como seria de esperar, sobre cortesia, sobre “softneurs” e outros mecanismos de proteção da face dos interlocutores. Tanto no que concerne a estes fenómenos de atenuação

como a questões de transcrição e análise de *corpora* orais, parece-nos uma falha não haver referência aos estudos de investigadores espanhóis, por exemplo de Antonio Briz e do grupo Va.Les.Co, da Universidade de Valência, responsáveis por trabalhos muito avançados nestas áreas (ver, por exemplo, Briz, A., Pons, S. & J. Portolés (coords.) (2008): *Diccionario de partículas discursivas del español*. Em linha, www.dpde.es). No 3º capítulo, a autora ocupa-se dos problemas da transcrição. Longe de ser uma inutilidade, a transcrição constitui um momento fundamental de “réflexion théorique sur les données”, como escreve Bilger (1999: 181) que a autora cita, na p. 79. Transcrever é um trabalho moroso e por vezes cansativo, mas que implica opções e observações que são fundamentais para um bom conhecimento dos dados: é necessário poder contar com uma representação gráfica dos dados orais. Obviamente que o modo mais ou menos rigoroso como os dados são transcritos decorre do objetivo da investigação, do material usado, da teoria que se adota. Mas, como Marion Sandré também sublinha, o facto de termos uma transcrição não dispensa o regresso frequente à gravação dos dados orais, ou seja, os dados transcritos são enriquecidos pelos gravados. Por outro lado, estes documentos exigem uma descrição completa do contexto enunciativo de cada discurso. A autora dá alguns conselhos práticos úteis, como decidir o tipo de transcrição em função dos objetivos do trabalho, rever em conjunto as passagens problemáticas, no caso de se estar a trabalhar em grupo, usar equipamento que permita diminuir o débito da fala, entre outros. Passa, depois desses conselhos, para uma apresentação crítica dos diversos tipos de transcrição possíveis: da fonética à ortográfica, que especifica, por seu turno, na transcrição ortográfica “arranjada”, com o uso de convenções que têm variado consoante o grupo de pesquisa. No ponto seguinte, 3.3., “Transcription d’un corpus dialogal”, a autora apresenta as convenções que utiliza, inspiradas pelas da escola de Birmingham, desenvolvidas, depois, pela escola de Genebra e pelo grupo de Eddy Roulet e retomadas, entre outros, por Catherine Kerbrat-Orecchioni. As transcrições terão de ter em conta, obviamente, as várias unidades do texto interativo, a saber, no caso em apreço: interação > sequência > troca > intervenção. Mais uma vez, cremos que teria sido bom referir também as propostas de divisão em unidades do discurso oral interacional do grupo Va.Les.Co.

A II parte, de carácter mais prático, como dissemos, destina-se a exemplificar, a partir dos pressupostos teóricos apresentados na I parte, a análise de diferentes discursos orais. Está também dividida em três capítulos, cada um deles dedicado a um género discursivo: o primeiro trata de análise de trocas institucionais, o segundo de entrevistas e o terceiro de debates. Cada um dos capítulos se organiza de forma idêntica: num primeiro momento, a autora define as características do hipergénero estudado (troca institucional, entrevista, debate); sugere como se pode constituir e depois transcrever um *corpus* para esse hipergénero. Posteriormente, refere diferentes subgéneros dentro desse hipergénero. No caso das trocas institucionais, considera três tipos, consoante os contextos: administrativo, comercial e telefónico; no caso das entrevistas, refere as de pesquisa, as jornalísticas e as de tipo profissional; quanto aos debates, debruça-se sobre o mediático, o político e o participativo. Na última parte de cada um dos capítulos, dá exemplos de análises de subgéneros de discursos orais dentro de cada hipergénero: no capítulo 4, analisa, concretamente, uma troca telefónica, duas comerciais e uma médica; no seguinte, analisa uma entrevista semidiretiva, uma científica, uma televisiva e uma de recrutamento e por fim, no capítulo 6, estuda um debate cultural, um entre dois políticos e um debate participativo radiofónico. Esta forma paralela de apresentar cada género discursivo permite que facilmente se possam comparar. Todos os excertos são do início dos documentos, ainda para facilitar o confronto de forma mais rigorosa e uniforme. No que diz respeito a esses excertos representativos estudados, a autora diz que são resultado da transcrição quer de gravações de conversas banais, a maior delas de “micro caché”, quer de discursos dos *media*, já utilizados noutras pesquisas. Três dos documentos são analisados com mais pormenor, dada a sua importância e o nosso permanente contacto com os géneros a que pertencem: a troca institucional, a entrevista e o debate mediático. Os exemplos não têm qualquer preocupação de representatividade em relação aos géneros escolhidos, mas são meras ilustrações de modos de operar. Por outro lado, antes de cada um deles, é descrita a respetiva situação enunciativa e as transcrições obedecem aos preceitos explanados na I parte do livro. Não é colocada, como nos pareceria dever ser, a questão ética do “micro caché” quando, a nosso ver, deveria sempre haver, para as gravações e as transcrições, uma autorização consentida, ou consentimento

esclarecido dos falantes em causa. O primeiro excerto de troca institucional analisado, gravado por telefone, é exatamente um exemplo de gravação sem consentimento e, embora o assunto, meramente administrativo, seja inócuo, poderão levantar-se questões legais (além das éticas) que não deverão, a nosso ver, ser descuradas. Nem sempre nos parece fácil, também, obter consentimento para gravar, como faz a autora, consultas médicas e até as duas trocas comerciais, no pequeno comércio, exigiriam, a nosso ver, um consentimento, mesmo que fosse posterior à gravação. Quanto às entrevistas, os exemplos são de uma entrevista semidirigida no quadro de uma investigação em Sociolinguística, uma de tipo científico a Chomsky, uma televisiva e de caráter político e a outra de recrutamento de pessoal para uma empresa. A pluralidade de situações analisadas reflete a heterogeneidade do campo, que partilha, no entanto, um conjunto de características prototípicas comuns. Quanto ao debate, a autora analisa um excerto de um debate cultural dos *media*, sobre cinema, um típico debate político de televisão, em contexto eleitoral para as presidenciais, e, finalmente, um debate radiofónico de antena aberta, sobre um tema não controverso. Como a autora afirma na p. 215, não teve, obviamente, pretensões de exaustividade: “Ce qui m’intéressait, outre la présentation de ces genres particuliers, était de montrer la démarche depuis le choix du genre à l’analyse elle-même”. E este objetivo é particularmente bem conseguido, o que reforça a utilidade do livro em apreço.

Antes da Conclusão, Marion Sandré dedica ainda cinco páginas a uma “Note sur les discours monologiques”, que é isso mesmo, uma “nota”, para referir brevemente discursos como comícios, missas, telejornal, discurso político, etc. Mesmo não respondendo, o auditório destes discursos participa neles de variadas formas, incluindo aquela que consiste em influenciar o locutor que, antecipando as expectativas do público, as tem em conta quando da construção discursiva.

A obra constitui, portanto, um manual claro e acessível para quem trabalhe discursos orais de vários pontos de vista, apresentando uma bibliografia final útil e razoavelmente completa, onde faltam, como foi dito anteriormente, os importantes contributos que os investigadores espanhóis têm dado para este campo de estudos.

REFERÊNCIAS

- Bilger, M. 1999. Quelques problèmes autour de la “représentation” des données orales.
In: J.-M. Barbéris (ed.). *Le Français parlé. Variétés et discours*. Montpellier: Université Paul Valéry.
- Blanche-Benveniste, C. 1997. *Approches de la langue parlée en français*. Paris: Ophrys.
- Briz, A., Pons, S. & J. Portolés (coords.). 2008. Diccionario de partículas discursivas del español. Em linha, www.dpde.es [consultado em 23 de julho de 2014]
- Kerbrat-Orecchioni, K. 2005. *Le discours en interaction*. Paris: Armand Colin.